

**BAIARTE FRANCO ABREU
JOCELI SARAIVA
RODRIGO DONIZETI DA SILVA
BRUNO SANTOS PINTO
JACIRA MARIA MULLER
PAULO ROBERTO MARINS DA SILVA**



O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM EL GAÚCHO MARTIN FIERRO



SÃO PAULO | 2025

**BAIARTE FRANCO ABREU
JOCELI SARAIVA
RODRIGO DONIZETI DA SILVA
BRUNO SANTOS PINTO
JACIRA MARIA MULLER
PAULO ROBERTO MARINS DA SILVA**



O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM EL GAÚCHO MARTIN FIERRO

SÃO PAULO | 2025

1.ª edição

**Baiarte Franco Abreu
Joceli Saraiva
Rodrigo Donizeti da Silva
Bruno Santos Pinto
Jacira Maria Muller
Paulo Roberto Marins da Silva**

**O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO
EM EL GAÚCHO MARTIN FIERRO**

ISBN 978-65-6054-217-4



Baiarte Franco Abreu
Joceli Saraiva
Rodrigo Donizeti da Silva
Bruno Santos Pinto
Jacira Maria Muller
Paulo Roberto Marins da Silva

O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM
EL GAÚCHO MARTIN FIERRO

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORIA ARCHÉ
2025

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença *Creative Commons Internacional* (CC BY- NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P179p O pampa argentino e a construção do gaúcho em *El gaucho Martín Fierro* / Baiarte Franco Abreu... [et al.]. – 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Arché, 2025.
66 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6054-217-4

1. Regionalismo. 2. Pampa argentino. 3. Literatura gauchesca.
4. Hernández, José, 1834-1886. *El gaucho Martín Fierro*. I. Abreu, Baiarte Franco. II. Saraiva, Joceli. III. Silva, Rodrigo Donizeti da. IV. Pinto, Bruno Santos. V. Muller, Jacira Maria. VI. Silva, Paulo Roberto Marins da.

CDD 860.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE chancelada pela Editora Arché.

São Paulo- SP

Telefone: +55 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto: contato@periodicorease.pro.br)

1^a Edição- *Copyright*® 2025 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria da Lima n.º 1.384 — Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 — São Paulo — SP.

Tel.: 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br/rease>

contato@periodicorease.pro.br

Editora: Dra. Patricia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista, Cintia Milena Gonçalves Rolim

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos

Ilustrações: Ana Cláudia Néri Bastos, Talita Tainá Pereira Batista, Cintia Milena Gonçalves Rolim

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista, Cintia Milena Gonçalves Rolim

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

EQUIPE DE EDITORES

EDITORIA- CHEFE

Dra. Patricia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Doutoranda Silvana Maria Aparecida Viana Santos- Facultad Interamericana de Ciências Sociais - FICS

Doutorando Alberto da Silva Franqueira-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Me. Ubirailze Cunha Santos- Corporación Universitaria de Humanidades Y Ciências Sociales de Chile

Doutorando Allysson Barbosa Fernandes- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Doutor. Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhamá- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul-Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrade Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Editora Arché declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art.º 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

RESUMO

Através deste trabalho pretendemos analisar a obra do escritor argentino José Hernández (1834-1886) intitulada *El gaucho Martín Fierro*, publicada no final de 1872 e observar a relevância desta obra na dignificação da imagem do gaúcho que habitava o pampa argentino. *El gaucho Martín Fierro* passou a ser considerado mais que um clássico e expoente máximo da literatura daquele país, considerado um patrimônio cultural da Argentina.

Palavras-chave: Regionalismo. Pampa argentino. Gauchesca. Martín Fierro.

ABSTRACT

Through this work, we aim to analyze the work of Argentine writer José Hernández (1834-1886), entitled **El gaucho Martín Fierro**, published in late 1872, and observe its relevance in dignifying the image of the gaucho who inhabited the Argentine pampas. **El gaucho Martín Fierro** has come to be considered more than a classic and a leading exponent of Argentine literature; it is now considered a cultural heritage of Argentina.

Keywords: Regionalism. Argentine Pampas. Gauchesca. Martín Fierro.

RESUMEN

A través de este trabajo tenemos la intención de analizar la obra del escritor argentino José Hernández (1834-1886) intitulada *El gaucho Martín Fierro*, publicada en el final de 1872 y observar la relevancia de esta obra en la dignificación de la imagen del gaucho que habitaba el pampa argentino. El gaucho Martín Fierro ha sido considerado más que un clásico y exponente máximo de la literatura de aquel país, considerado un patrimonio cultural de la Argentina.

Palabras clave: Regionalismo. Pampa argentino. Gauchesca. Martín Fierro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 01	22
UM POEMA DE DENÚNCIAS	
CAPÍTULO 02	27
MARTÍN FIERRO NA VISADA DE ALGUNS CRÍTICOS	
CAPÍTULO 03	40
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	57
ÍNDICE REMISSIVO	60

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos analisar o poema do escritor argentino José Hernández (1834-1886) intitulado *El gaucho Martín Fierro*, publicado no final de 1872, observando a relevância desta obra na dignificação da imagem do gaúcho que habitava o pampa argentino. *El gaucho Martín Fierro*, mais do que um clássico da literatura argentina, é considerado um expoente da literatura pampeana por narrar, no decorrer de 395 estrofes recheadas por um vocabulário popular, a vida de um gaúcho e seu sofrimentos, indignações, contestações e esperanças.

Nesse sentido, faremos uma apresentação do contexto histórico argentino no século XIX, período de formação e constituição de suas instituições, caracterizadas pelo desprezo de elementos autóctones e mestiços na composição dos valores de sua nacionalidade.

Em oposição e em denúncia a configurações excludentes da política argentina, sobretudo nos governos do partido unitário,

aparece o poema de José Hernández que, embora não discuta a relevância da cultura indígena, reivindica a participação do gaúcho como elemento de argentinidade.

É importante ressaltar que para a análise dessa obra nos embasaremos no olhar crítico de alguns autores sobre esse poema de grande importância para a literatura da América Latina, como Aldyr Garcia Schlee, que em sua obra Simões Lopes Neto e a Literatura dos povos platinos (1989) destaca que a construção do personagem Martín Fierro não foi idealizado sob olhar europeu, mas sim retratava a linguagem literária e focalizava o tema pampiano e o que nele tinha de mais verdadeiro e fiel.

Recorreremos também ao olhar de Celestino Sachet em A Sátira de Antônio Chimango e Martín Fierro (1989), que nos diz que José Hernández, com o Martín Fierro, através da caricaturização dos ridículos, trabalha com o humor para fazer uma forte crítica social.

A seguir, utilizaremos o trabalho de Pablo Rocca, Acerca de las representaciones de lo rural (2009), pois nesse artigo o autor faz

reflexões sobre o gaúcho como sendo a imagem de representação e da construção de uma figura nacional.

Outro referencial trabalhado é a obra *Tranculturación narrativa en América Latina* (1989), de Ángel Rama, onde o autor enfoca a criação literária latinoamericana de forma original, sem dívidas em relação à tradição europeia.

Em relação ao texto de Carlos Rizzon, *Ficciones de un mundo dislocado* (s/d), aborda-se também a questão da linguagem criada pelos autores americanos.

E utilizaremos também o trabalho de Walter Rela, *El Gaucho en el contexto sócio-político rioplatense* (1989), no qual o mesmo traz sua visão sobre a presença física do gaúcho nos territórios hispânicos do Rio da Prata.

Em seguida, buscaremos analisar essa obra sob o olhar de Borges em *O “Martín Fierro”* (2005), que nos conta que a obra de Hernández remete à ficção de uma longa *payada* autobiográfica, cheia de queixas e de bravatas totalmente alheias à moderação

tradicional dos *payadores*.

Bem como, também trabalharemos com o prólogo da própria obra de José Hernández, *El gaúcho Martín Fierro*, de uma edição sem data, para buscarmos um bom suporte para o desenvolvimento de nosso trabalho e melhor direcionar nossas ideias.

Para finalizarmos nossa análise, utilizaremos os pressupostos contidos na obra de Ezequiel Martínes Estrada intitulada *Muerte y transfiguración de Martín Fierro* (2005). Em seu texto o autor afirma que Martín Fierro “es un levantamiento contra la cultura y las letras, contra el hombre urbano, contra la literatura de cenáculo; contra el Salón Literario, sus corifeos y sus obras” (ESTRADA, 2005, p.38).

O escritor, ao criar Martín Fierro, estava contrapondo-se à cultura dominante, às letras e aos grupos sociais que detinham o poder e que viviam nas cidades. Através do seu herói Martín Fierro, Hernández faz uma denúncia contra o que, em 1872, entendia-se

correntinamente¹ por boa literatura. O autor, dessa forma, dá as costas para a civilização que havia se consolidado em falsos alicerces, “afirmava aunque valiera poco, la literatura gauchesca era lo único que estaba ligado a la tierra y al hombre que padecía sobre ella” (ESTRADA, 2005, p. 38).

Por intermédio desta obra, Hernández deu voz aos excluídos do pampa. No decorrer de seus treze capítulos, o eu lírico nos conta a história de um gaúcho, sua gente e as injustiças sofridas pelo tipo social que vivia nos pampas e era perseguido pelos regimes autoritários, além de os homens, no processo de militarização do pampa argentino, serem obrigados a servir nas fronteiras. Na maioria das vezes, os gaúchos eram arrancados à força de suas casas, deixando suas famílias desemparadas à própria sorte nos pampas argentinos.

Desta forma é que começam os infortúnios do nosso herói

¹Relativo à região de Corrientes, Argentina.

Martín Fierro. Após servir três anos ao exército na fronteira² sem receber nenhum soldo e sofrer inúmeras injustiças por parte de seus comandados. Ao passar por todo tipo de privações e ser perseguido injustamente, no decorrer do tempo, Martín Fierro percebe que a sorte não mudaria a seu favor, o que o força a desertar, transformando-se em um matreiro do sistema social. Aproveita uma oportunidade e foge sorrateiramente da guarnição em que servia. Converte-se, assim, em um índio vago errante, predestinado a perambular pelo pampa com destino incerto. Dessa forma, esgueira-se para ocultar-se do encalço de seus perseguidores, pernoitando ao relento, em qualquer lugar onde a noite lhe alcançasse.

²Em **El gaucho Martín Fierro**, o contexto que define “fronteira” refere-se ao enfrentamento entre o que denominou “civilização *versus* barbárie”, ou seja, a ocupação do interior através do extermínio da população indígena.

**O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM EL
GAÚCHO MARTIN FIERRO**

THE ARGENTINE PAMPA AND THE CONSTRUCTION OF THE
GAÚCHO IN *EL GAÚCHO MARTIN FIERRO*

**LA PAMPA ARGENTINA Y LA CONSTRUCCIÓN DEL GAÚCHO
EN EL GAÚCHO MARTIN FIERRO DO LIVRO**

CAPÍTULO 01

UM POEMA DE DENÚNCIAS

UM POEMA DE DENÚNCIAS

Em suas cantorias, o personagem Martín Fierro, criado por José Hernández para denunciar a残酷za imposta pelo regime dos governantes desde Buenos Aires, mostra a realidade que vivia a população da campanha argentina, deixando transparecer suas frustrações e mágoas originadas pela perseguição injusta imposta pelos governantes aos mais humildes, bem como deixava vir à tona sua raiva e revolta contra um sistema governamental que castigava e perseguiam os menos favorecidos, aqueles enviados à fronteira para combater os índios e expandir o território argentino. Assim, Martín Fierro foi obrigado pelo governo a ir para a fronteira e servir à pátria no combate contra os índios. Ele possuía casa, família, pequena criação de onde retirava seu sustento e de seus familiares e, quando retorna como desertor, encontra apenas ruínas e sua família desmantelada, conforme podemos observar no poema, nos versos do capítulo IV:

Tuve en mi pago en un tiempo
Hijos, hacienda y mujer;
Pero empecé a padecer,
Me echaron a la frontera,
¡Y qué iba hallar al volver!
Tan sólo hallé la tapera.

Sosegao vivía en mi rancho,
Como el pájaro en su nido.
Allí mis hijos queridos Iban
creciendo a mi lao...
Sólo queda al desgracio
Lamentar el bien perdido. (HERNÁNDEZ, 1967, p. 23)

Como podemos observar, Martín Fierro descreve nas estrofes do poema, com uma riqueza de detalhes, como era próspera e feliz sua vida no campo junto a sua família até ser enviado para servir nas guarnições da fronteira e, ao retornar, encontra somente uma tapera abandonada e sua família desmantelada, deixando nosso herói desolado e sem rumo, com o que decide, a partir daquele momento, ser mais malvado que uma fera.

O eu lírico tece uma crítica às manobras praticadas pelas

autoridades que executavam o recrutamento de homens para irem servir nos batalhões de fronteira e combater os índios, porque, na prática, eram utilizados como mão-de-obra nas chácaras dos coronéis e dos grandes fazendeiros amigos dos comandantes. As milícias eram totalmente despreparadas e careciam de recursos bélicos para o enfrentamento com o inimigo, além de que esses recrutamentos propiciavam desvios de recursos financeiros; com a exclusão de alguns nomes das listas de pagamentos a serem feitos aos que serviam nos batalhões de fronteira, como de fato ocorreu com o personagem Martín Fierro que, quando foi reclamar o seu ordenado, foi lhe dito que seu nome não estava na lista. No fragmento do poema que segue logo abaixo, podemos observar a crítica do eu lírico através do personagem Martín Fierro no capítulo V:

Aquello no era servicio Ni
defender la frontera:
Aquello era ratonera

En que sólo gana el juerte;
Era jugar a la suerte Con una taba culera.

Allí tuito va al revés:
Los milicos se hacen peones
Y andan por las poblaciones
Emprestao pa trabajar:
Los rejuntan pa peliar
Cuando entran indios ladrones. (HERNÁNDEZ, 1967,
p.40)

Como podemos observar na última parte da estrofe acima, o que ocorria na verdade era a utilização desse recurso humano em proveito de alguns para fazerem prosperar seus negócios e auxiliar seus apadrinhados, em detrimento da defesa da fronteira.

CAPÍTULO 02

MARTÍN FIERRO NA VISADA DE ALGUNS CRÍTICOS

MARTÍN FIERRO NA VISADA DE ALGUNS CRÍTICOS

Aldyr Garcia Schlee, em seu texto Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos (1889), diz que Martín Fierro

É um pobre que um dia saiu a conhecer o mundo, é dizer saiu contra sua vontade de seu pago por conta do arresto forçado para os fortins militares de fronteira onde fora obrigado a servir como soldado, não pretendendo ser mais que uma cópia do gaúcho vítima de abusos e desgraças, acabou sendo mais semelhante do que o original. (SCHLEE, 1989, p. 83)

Mais gaúcho do que tudo, em outras palavras, por ter o personagem sofrido todo tipo de injustiças e perseguições por parte de quem mandava nada melhor que ele próprio para personificar a imagem daqueles que Hernández queria mostrar para o povo argentino como seu legítimo representante, embora isso não fosse reconhecido pelos argentinos. Por isso, diz Schlee (1989, p.78) a Argentina é gaúcha onde o pampa permite.

O crítico afirma que o herói Martín Fierro não foi concebido sobre um olhar europeu, mas sim retratava a linguagem literária e focalizava o tema pampiano no que ele tinha de mais verdadeiro e

fiel.

Na percepção de Schlee (1989, p. 83-4), a obra *El gaucho Martín Fierro*, nos dias atuais, ainda é o livro o qual os habitantes da fronteira sabem seus trechos de cor; é o livro que ainda pode ser visto sozinho sobre os aparadores, na entrada das estâncias, como objeto de culto, em sua versão original em espanhol.

Celestino Sachet, em sua obra *A sátira em Antônio Chimango e Martín Fierro* (1989), destaca que José Hernández, com o *Martín Fierro*, buscará descobrir o motivo do riso e da sátira que desopilam o fígado e arejam as indagações acumuladas; a caricaturização dos ridículos, o sentido combativo e o desafio mais humano do que gaúcho bruto e valente.

Sometido a tratamientos brutales en las líneas de frontera con el indio, reducido a torpe elemento de choque en la escena eleccionaria con que el gobierno pretendía disfrazar una pregonada libertad (SACHET, 1989, p. 43-4).

Sachet (48-9) nos diz que durante as guerras de Independência da Argentina, a partir de 1810, quando gaúcho e

patriota significam o mesmo, a poesia gauchesca havia se convertido em arma de guerra contra o opressor espanhol e atingiram conotações e conteúdo de protesto social, iniciando uma tradição que veio a alcançar seu ápice com José Hernández, na segunda metade do século XIX, com o seu *Martín Fierro*.

Ainda esse crítico, citando Pablo Subieta, afirma:

Martín Fierro, más que una colección de cantos populares, más que un cuadro de costumbres, más que una obra literaria, es un estudio profundo de filosofía moral y social.

Martín Fierro no es un hombre, es una clase, una reza, casi un pueblo, es una época de nuestra vida, es la encarnación de nuestros costumbres, creencias, vicios y virtudes, es el gaucho luchando contra las capas superiores de la sociedad que lo oprimen, es la protesta contra la injusticia, es el reto satírico contra los que pretenden legislar y gobernar, sin conocer las necesidades del pueblo, es el cuadro vivo palpitante, natural, estereotípico, de la vida de la campaña, desde los suburbios de un gran capital, hasta las tolderías del salvaje (SUBIETA³ apud SACHET, 1989, p.48).

Sob o olhar de Sachet (1989), percebe-se em *Martín Fierro* a condição do gaúcho submetido a tratamentos brutais nas linhas

³A referência bibliográfica da obra de Pablo Subieta não é informada no texto de Sachet (1989).

militares de fronteira ao lado do índio; a invasão gringa que transformou a paisagem livre e aberta dos belos campos do gauchismo em terras de lavouras e culturas. O tipo acabado do gaúcho torna-se uma lembrança do passado. De nada mais lhe valem a coragem, a força e as habilidades campeiras. Assim, o pampa e a vida deixaram de lhe pertencer.

Para exercitar todo poder de sua sátira contra as estruturas que reduziram o gaúcho a um pobre paisano, submetido aos caprichos do governo, longe de sua família, de seus filhos, e de sua querência amada, José Hernández nos põe diante de uma narrativa autobiográfica de um gaúcho que muito sofreu e que agora se consola com o cantar de suas mágoas. O autor enfatiza que, com o relembrar das mágoas do passado, a sátira azeda à medida que quer libertar-se das angústias e das fossas em que sevê enredado.

As memórias remetem à época que vivia feliz em seu rancho, até ser recrutado ao serviço militar. Enviado para a fronteira, sofre

toda sorte de misérias, a dura luta contra os índios e a caserna injusta. Transforma-se em um desertor e, ao retornar ao pago, encontra somente uma tapera abandonada, desfeito seu lar sem nenhum rumo a tomar. Desorientado, Martín Fierro chora.

No halle ni rastro del rancho; ¡Sólo
estaba la tapera!
¡Por Cristo, si aquello era Pa
enlutar el corazón:

Yo juré en esa ocasión Ser
mas malo que una fiera!
¡Quién no sentirá lo mismo
Cuando así padece tanto!
Puedo asegurar que el
llanto Como una mujer
langué.
¡Ay mi Dios, si me quedé
Más triste que Jueves Santo! (HERNÁNDEZ, 1967,
p.48)

Tomado por uma dor que vai até os confins de sua alma, Martín Fierro declara uma guerra de palavras contra os homens e a sociedade. Daquele momento em diante, começa a viver uma vida

de gaúcho errante e solitário pelo pampa, sua história nos é contada, na visão de Sachet, para que todos aprendam a dançar as normas de bem viver cantadas “al compás de la vigüela” e para que ninguém venha a sofrer todos os abusos e todas as desgraças de que ele foi vítima. E, como ele, toda a classe de infelizes que viram estraçalhadas suas vidas de gaúchos por instituições que nada dão a ninguém, entre elas o serviço militar e o governo.

Para Sachet, ao escrever seu *Martín Fierro*, Hernández tinha a intenção de transmitir às futuras gerações um retrato fiel da índole, dos costumes, dos hábitos e do linguajar “de ese ser tan calumniado, como digno de encojo, que se llama el gaucho porteño” (1989). Porque “la provincia es una madre/ que no defende a sus hijos” (p.49).

Na compreensão do autor, o poema de Hernández é muito mais que uma sátira, é uma tentativa de esclarecer como um homem cuja glória “es vivir tan libre/ Como el pájaro en cielo”

(HERNÁNDEZ,1967, p.15) que nunca peleia ni mata sino por necessidad (HERNÁNDEZ,1967, p.16), que sempre foi um bom pai e um bom marido, acabou por se tornar um bandido. Martín Fierro foi vítima de toda uma estrutura que se armou para liquidá-lo, a ele e a toda gauchada.

Com “Martín Fierro”, Jorge Luis Borges diz que uma das motivações para Hernández compor essa obra foi denunciar a forma arbitrária como era feito o recrutamento dos soldados para servirem nos batalhões de fronteira, pois Borges reconhece que esses recrutamentos eram a ruína dessa gente da campanha.

Na visão de Borges, o protagonista, a princípio, é impessoal; é um gaúcho qualquer ou, de certo modo, são todos os gaúchos. Mais adiante, com o passar do tempo, conforme Hernández foi delineando com maior precisão o personagem, este chegou a ser Martín Fierro, o indivíduo Martín Fierro, que conhecemos tão intimamente.

Borges comenta que foi dito que Hernández quis contrapor a vida feliz das estâncias da época do presidente Juan Manuel Rosas à deterioração e à desolação de seu tempo. Para Borges, essa contraposição é totalmente falsa porque os gaúchos nunca desfrutaram de semelhante idade de ouro. O autor ressalta que sempre exageramos a felicidade que perdemos, e que se o quadro não é fiel à realidade da história, o é sem dúvida à nostalgia e ao desespero do cantor.

Outro aspecto que o autor ressalta é que a obra de Hernández foi considerada um épico. Das muitas partes que a integram a que trata da vida militar é a menos épica, e a ausência do épico é plenamente justificada.

Hernández queria executar o que hoje consideramos um trabalho antimilitarista, e isto o forçou a escamotear ou atenuar o heroico para que os rigores padecidos pelo protagonista não se contaminassem de glória.

Paisano, brigador, sempre enfadado, pronto para o ataque traiçoeiro do índio inimigo, desenhando a facão sua fama de guerreiro, Martín Fierro era a encarnação do herói⁴.

Pablo Rocca, apropriando-se dos pressupostos de Borges em “Ascasubi”- Inquisiciones (1993), afirma:

Derivar la literatura gauchesca de su materia, el gaucho, es una confusión que desfigura la notoria verdad. No menos necesario para la formación de ese género que la pampa y que las cuchillas fue el carácter urbano de Buenos Aires y de Montevideo”. (ROCCA, 2009, p.16)

Ainda valendo-nos das considerações de Rocca, percebemos que é mais improvável que se possa realizar a mobilização mecânica da fala do gaúcho à poesia gauchesca, [...], “el poema propriamente

⁴Na concepção clássica do herói, segundo Thomas Carlyle, “A história universal, a história daquilo que o homem tem realizado neste mundo, é no fundo a história dos grandes homens que aqui têm laborado. Eles foram os condutores de homens, estes grandes homens, os modeladores, padrões e, em sentido amplo, criadores de tudo o que a massa geral dos homens imaginou fazer ou atingir; todas as coisas que nós vemos efetuadas no mundo são propriamente o resultado material externo, a realização prática e a incorporação dos pensamentos que habitam nos grandes homens mandados ao mundo: a alma de toda a história universal, pode justamente considerar-se, seria a história destes.” (1963, p. 9). Essa não é a visão aqui apresentada de herói. Tomamos o termo como referência à personagem que delibera suas próprias atitudes.

popular esfuerza por acercarse al canon y por internarse en los universales bien lejos del “color local”, es decir que se esfuerza por asemejarse al discurso canónico que entiende “culto” o “correto”.
(ROCCA,2009,p.16)

Outro aspecto que o autor chama a atenção é que se deve distinguir o habitante do campo e os personagens criados pelos poetas de assunto relacionado ao gaúcho, pois estes contam e cantam em uma língua culta, por acaso enfeitada por um termo crioulo. Essa invenção letrada, da gauchesca, mantém-se fiel a um modelo, o que emprega uma voz que é própria, mas que faz com que a pegue emprestada do povo e faz como que a devolva ao povo, muitas vezes situando o discurso na boca de um personagem, que é, como chama Rocca, “un gaucho de papel.” (2009, p.16).

As considerações de Rocca vão ao encontro da definição de transculturação narrativa proposta por Ángel Rama, conceito segundo o qual,

[...] esa capacidad para elaborar con originalidad, aun en difíciles circunstancias históricas, la que demuestra que pertenece a una sociedad viva y creadora, rasgos que pueden manifestarse en cualquier punto del territorio que ocupa aunque preferentemente se los encuentre nítidos en las capas recónditas de las regiones internas. (RAMA, 1989, p.34)

Dessa forma, conforme enfatiza o professor Carlos Rizzon,

baseado também nas proposições de Rama,

El léxico, el registro fonético y las construcciones sintácticas locales se transforman en herramientas para realizar los conceptos de originalidad y creatividad. Así, los hablares americanos que no hacen parte del Diccionario de la Real Academia Española ocuparán el espacio de una lengua literaria, sin contraste hierárquico con la norma culta y oficial. Su legitimación se da en el uso de formas propias, características del español americano de algún lugar del continente. El escritor no intenta imitar el habla regional, pues lo hace desde adentro. Al sentirse parte de ese hablar, lo elabora con finalidades artísticas explotando las posibilidades múltiples que la lengua proporciona en la construcción de un lenguaje literario. (RIZZON, s/d)

Desta forma, Hernández na criação de seu herói gaúcho,

prefere dar a ele uma linguagem semelhante a dos habitantes do pampa argentino, pois o gaúcho não conhece a forma culta do seu idioma, mas isso não é impedimento para expressar seus pensamentos, como podemos perceber nos versos do capítulo I:

Yo no soy cantor letrao,
Más si me pongo a cantar
No tengo cuándo acabar
Y me envejezco cantando;
Las coplas me van brotando
Como agua de manantial. (HERNÁNDEZ, 1967, p. 14)

Para Hernández, seria uma inverdade e uma temeridade se seu personagem, que personifica o homem rude do pampa argentino que jamais alguma vez na vida abriu um livro e muito menos teve noção de regras e boas maneiras, viesse a se expressar na forma culta da linguagem. Provavelmente, por escrever em uma linguagem destoante daquela predominante em Buenos Aires, Hernández não tenha obtido a simpatia de seus contemporâneos e, por isso, não lhe dispensaram a atenção devida que esta obra merecia. Mesmo assim, por sua força expressiva e por seu caráter político, *El gaucho Martín Fierro* alcançou, com o passar dos tempos, uma importância que ultrapassa os limites argentinos, tornando-se uma obra referencial para a tradição literária gauchesca.

CAPÍTULO 03

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Cabe ressaltar que Hernández deixa transparecer em sua obra traços de conotação humanística em seu personagem, ele próprio, tem noção de sua condição de rudeza e ignorância, ainda assim Fierro demonstra que, apesar de ser considerado um bárbaro, ele também tem seu lado religioso temente a Deus, contrariando as ideias defendidas pelos detentores do poder, os mesmos enfatizavam que os habitantes do pampa argentino eram selvagens e desprovidos de sentimentos e de religiosidade. Vejamos:

Cantando me he de morir,
Cantando me han de enterrar,
Y cantando he de llegar Al pie
del Eterno Padre:
Dende el vientre de mi madre
Vine a este mundo a cantar. (HERNÁNDEZ, 1967, p.
14)

Através desses versos, Martín Fierro demonstra suas aspirações para a hora derradeira por ter fé em Deus. Por possuir o

dom de cantar seus versos, o personagem espera poder retribuir cantando até a sua hora do encontro com Deus. Configura-se, assim, um pensamento que se distingue do discurso autoritário dos governantes do seu tempo, pois estes consideravam o gaúcho com um ser rude e selvagem, sem condições de possuir sentimentos ou mesmo crenças.

A IMAGEM DO GAÚCHO COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA FIGURA NACIONAL

Segundo Pablo Rocca (2009), muito se tem indagado sobre a origem do termo “gaúcho”, muito foi escrito sobre as peculiaridades deste tipo humano escorregadio e definitivamente morto por obra da modernização capitalista, que avançou sobre a região pampiana na segunda metade do século XIX. Dialogando com Augusto Meyer, o crítico uruguai considera que:

‘Não há de ser por um simples capricho de letRADOS ou transfiguração literária, que a palavra gaúcho perdeu o primitivo sentido (negativo de ladrão), para revestir-se de outro, francamente encomiástico’, señaló Augusto Meyer. No fue un simple capricho, pero en esa

beatificación o, por lo menos, en esa estimación del gaucho como tipo humano regional o incluso nacional, en Argentina y Uruguay en la “personalidad” de Rio Grande do Sul en el seno de su gran país, la literatura gauchesca cumplió un papel decisivo. (ROCCA, 2009, p.15)

O gaúcho foi apontado como o tipo nacional da Argentina e do Uruguai, bem como um ser típico regional no Estado do Rio Grande do Sul, embora caiba aqui ressaltar que o gaúcho sul-riograndense é diferente do gaúcho platino, pois ele também é descendente dos pioneiros de Laguna e dos bandeirantes. A nossa mestiçagem com o indígena foi pouca, a do gaúcho platino foi mais acentuada. O nosso gaúcho não era nômade, ao contrário do gaúcho platino, o qual vivia sem rumo certo, o nosso gaúcho tinha senso de ordem. Essas questões determinam que, no Rio Grande do Sul, não foi tão acentuado o conflito entre campo e cidade, tão próprio na formação cultural platina.

O gaúcho argentino sempre foi um homem socialmente marginalizado. Com o passar dos tempos, conseguiu passar da condição de bandido a herói graças à construção de sua imagem por

intermédio da obra de alguns escritores, dentre os quais o escritor José Hernández, que criou o mítico Martín Fierro, herói do pampa, para contrapor-se à imagem posta por Domingo Faustino Sarmiento, autor do "Facundo", um dos clássicos da literatura histórico-ensaística argentina, publicado em 1845. Este defendia a ideia de que, para que a civilização prosperasse e se desenvolvesse na Argentina, era necessário, primeiramente, derrotar e até mesmo extinguir o gaúcho selvagem daqueles pampas para povoá-los com imigrantes europeus.

Conforme Sarmiento, o homem, segundo sua visão determinista, evoluía do mais simples para o mais complexo. Em seu estado mais simples, o homem era um ser "selvagem" e, em seu estado mais complexo, alcançava o estado de "civilizado". Para ele, os representantes da barbárie na Argentina eram os gaúchos e os caudilhos, os quais habitavam um extenso território do sul do país. Para Sarmiento, de acordo com sua visão política, esses tipos não

poderiam ser integrantes legítimos da nação. Sarmiento era favorável à imigração do europeu, pois acreditava que os crioulos dali eram incapazes de contribuírem na construção sua própria pátria.

Segundo Rela (1989), as classes dominantes excluíram os gaúchos, os índios e os negros do processo de estruturação da sociedade. Como consequência dessa exclusão, houve confrontamentos, conforme aponta o crítico:

Durante el siglo XVIII, gauchos e indios usaron distintas estratagemas frente al esquema del gobierno imperante.

El gaucho enfrentó el azote de la injusticia con valor personal que se conjuga con un sentimiento medieval del honor, manteniendo en pie la tradición del culto al coraje, tan manifiesto en las guerras independentistas, y en las civiles del siglo XIX.

Ese culto al coraje pasa a integrar parte de la psicología rural, como instrumento de la necesidad de justicia, tanto en el plano personal como colectivo. Tal espíritu enfrentamiento a la autoridad prepotente tiene su raíz tempranamente, durante la dominación española, al punto que generaciones enteras de gauchos, reaccionaron con reiterados actos de violencia contra los representantes del Rey.

Lucha despareja y oscura al principio, se fue fortificando con la participación del gaucho cuando se

hicieron reales las montoneras y el caudillaje.

En esta etapa (siglo XIX), el gaucho evolucionó desde el cerrado individualismo e innata rebeldía al orden autoritario de los colonizadores, hasta su integración solidaria en las tropas patriotas, al frente de las caballerías de choque, hostigando a los regulares españolas, con notoria ventaja. (RELA, 1989, p.14)

Com criação de seu personagem heróico, rapidamente consagrado entre o povo argentino, Hernández quis mostrar a Sarmiento que, matando o gaúcho, terminava com uma força telúrica, uma das mais autênticas expressões de liberdade do homem.

Para a composição de seu herói Martin Fierro, segundo Borges (2005), Hernández inspirou-se em suas vivências no campo em sua infância e adolescência, pois, conforme relatos passou a maior parte de sua vida no pampa argentino, lidando no meio da gadaria selvagem, aprendendo a cavalgar juntamente com a gauchada, assistindo e participando das lidas do campo. Com isso, apropriou-se o máximo que pôde da linguagem das pessoas rudes do campo, as quais faziam parte de seu cotidiano, para poder

retratar, com uma linguagem simples, a vida na campanha e, ao mesmo tempo, realizar um contraponto ao discurso oficial vigente. Hernández acreditava que os personagens de seu poema deveriam falar à linguagem que realmente vigorava no pampa argentino, ou seja, tentou retratar com a maior fidelidade possível o linguajar utilizado por esses homens rudes que viviam nas imensidões dessa terra “selvagem”.

Hernández, embora sendo um homem letrado e culto, dá voz ao seu herói, idealizado no papel, através de uma linguagem de cultura popular. Como menciona Pablo Rocca:

En la gauchesca sobresale el interés por idealizar más que por reproducir ese mundo que la combinación de los signos trata de hacer objetivo, visible y aun principal: el pensamiento liberal empalmado con la voz del sujeto popular, los heroísmos, o las miserias del gaucho, sus costumbres, la representación de la mujer, la relación entre el hombre y el o caballo, los motivos de la independencia, de la guerra (americana, nacional o faccional), de la identidad criolla en oposición a lo gringo. (2009, p.14 -5)

José Hernández demonstra sua oposição ao processo de colonização a partir da vinda de imigrantes ao território argentino,

política implementada por Sarmiento no seu período presidencial, de 1868 a 1876. Através de seu personagem heroico, Hernández demonstrou essa contrariedade em seu discurso no senado, na sessão de oito de outubro de 1869:

Parece que el despotismo y la crudeltad con que tratamos a los pobres paisanos estuviese en la sangre y en la educación que hemos recibido. Cuando ven al hombre de nuestros campos, al modesto agricultor, envuelto en su manta de lana o con su poncho a la espalda, les parece que ven al indio de nuestros Pampas, a quien se creen autorizados para tratar con la misma dureza e injusticia que los conquistadores empleaban con los primitivos habitantes de la América (HERNÁNDEZ, [s/d], p. 9).

Podemos observar pelo tom do discurso de Hernández que o mesmo sentimento de defesa sustentado por ele entorno da figura do homem rural, o gaúcho propriamente dito, era semelhante a seu senso de defesa pelos “selvagens” do pampa argentino.

Os detentores do poder na Argentina acreditavam que, através do processo de colonização, produzir-se-ia o desenvolvimento econômico e social aspirado por todos naquela nação, uma vez que não acreditavam que os habitantes distantes

dos grandes centros tivessem capacidade para contribuir para o progresso e o desenvolvimento do país, por esse motivo, segundo Pablo Rocca,

[...] en el corpus gauchesco la figura del extranjero será un elemento disonante a la cual, por contraste con lo autóctono, se tenderá a disminuir cuando no a degradar. [...] en el apogeo de la gauchesca, el “estrángis” vuelve a ser descalificado, ahora con este vocablo genérico. [...], las diatribas feroces caen sobre “el gringo o nación” (el italiano) y, en particular sobre el napolitano. El uso del sustantivo “gringo” pasa a ser privativo del italiano. (ROCCA, 2009, p.18)

Hernández satiriza esse pensamento dos governantes através da presença do estrangeiro naquele país, como podemos observar nos versos contidos no capítulo V do seu poema:

Yo no sé por qué el Gobierno
Nos manda aquí a la frontera
Gringada que ni siquiera Se
sabe atracar a un pingo. ¡Si
crerá al mandar un gringo
Que nos manda alguna fiera!
No hacen más que dar trabajo,
Pues no saben ni ensillar,
No sirven ni pa carniar,
Y yo he visto muchas veces

Que ni voltiadas las reses Se
les querían arrimar.

Y lo pasan sus mercedes
Lengüeteando pico a pico,
Hasta que viene un milico
A serviles el asao;
Y, eso sí, en lo delicaos
Parecen hijos de rico. (HERNÁNDEZ, 1967, p.42-5)

Aqui, nessa passagem do poema, Hernández, através do personagem Martín Fierro, questiona o projeto idealizado pelos governantes de alcançar o desenvolvimento do país por intermédio das mãos dos imigrantes, satirizando que os mesmos não tinham o menor preparo nas lidas campeiras e muito menos no que diz respeito a desempenharam funções de defesa na fronteira.

Além de não contribuírem em nada nas atividades nos quartéis, provavelmente por causa do problema de comunicação devido à barreira linguística existente, uma vez que os imigrantes vinham da Europa, eles tinham dificuldade de adaptação. Assim, não davam conta nem mesmo de prover a sua própria subsistência,

tendo que ser amparados pelos locais até mesmo em coisas simples, como providenciar a própria alimentação.

Outro aspecto que temos que pontuar nessa obra é que, segundo os moradores dos grandes centros (Buenos Aires e arredores), o gaúcho que habitava o pampa argentino era perverso, cruel e matava simplesmente por ser bárbaro, por menosprezar a vida alheia e ser desprovido de valores morais. Hernandez, através de seu herói, tenta mostrar o contrário. O gaúcho, embora fosse um ser rude e sem grandes conhecimentos da “civilização”, tinha sentimento e compaixão e só matava em legitima defesa, conforme consta no capítulo I:

Y sepan cuantos escuchan
De mis penas el relato,
Que nunca peleo ni mato
Sino por necesidá,
Y que a tanta alversidá

Sólo me arrojó el mal trato. (HERNÁNDEZ, 1967, p.16)
Ao que tudo indica o autor nessa passagem do poema, tenta,

através dos versos cantados por Martín Fierro, justificar toda sorte

de atos cometidos pelo herói, pois adjetivos pejorativos não lhe faltam em virtude de suas façanhas de assassino, brigão, bêbado, desocupado e vagabundo errante pelo pampa sem fim, além de roubar em vez de trabalhar para prover seu próprio sustento.

Hernández tinha conhecimento dos defeitos de seu personagem idealizado através de Martín Fierro, entretanto, para ele, existiam razões para esse seu procedimento, o rigor da classe dominante no país, os tormentos físicos e espirituais, as perseguições injustas, os atos de corrupção e torturas que culminaram com sua fuga dos fortins da fronteira para se tornar um gaúcho matreiro e desertor.

Martín Fierro, ao cantar, reclamava e se queixava da falta de piedade, tolerância, perdão para com sua pessoa, embora o mesmo não tivesse piedade e compaixão com aqueles que se atravessassem no seu caminho. Para ele, todos os seus atos são justificados e incontestáveis, pois sua ética era a da coragem, não a do perdão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martín Fierro representa a vida heroica dos gaúchos e sua luta contra os índios do pampa argentino e, mais tarde, contra a opressão do governo. Martín Fierro é a personificação da independência, da força física e da fortaleza heroica deste grupo. Como Martín Fierro vive e respira estas virtudes, hoje é considerado pelos argentinos como o espírito de uma nação. A personalidade do herói é a parte mais viva do poema, mas as cenas de violência, as aventuras de Martín Fierro e o notável retrato da paisagem sombria e selvagem do pampa argentino acrescentaram encanto e calor à obra.

O que impede que essa obra seja uma epopeia verdadeira é a condição intensamente humana de Martín Fierro. Não há nada divino, nada aristocrático e nada polido nesse herói, que às vezes é um criminoso, às vezes é um trabalhador comum ou soldado, mas sempre um homem do povo, sem nome e com um forte espírito de

independência.

Martín Fierro conta sua própria história em versos como contaria um poeta popular, que entre os gaúchos da argentina se chama *payador*. Começa por recordar os felizes e prósperos dias, quando vivia com sua família em uma grande estância, até que é enviado à fronteira para combater os índios, passando a sofrer as desgraças e dificuldades de um pobre soldado. Devido à perseguição, desertou e regressou a sua casa, onde descobriu que sua esposa e seus filhos haviam desaparecido e que sua casa estava destruída. Converteu-se então em um vagabundo criminoso, perambulando pelo pampa argentino.

Martín Fierro é um poema brutal, mas representativa da vida e dos costumes do pampa argentino. Para isso, Hernández representa a linguagem popular do pampa.

Após fazermos nossas leituras sobre as visões de alguns críticos citados no decorrer deste trabalho, o que podemos perceber

é que o que os autores apontam em comum é a visão de *El gaucho Martín Fierro* como mais do que uma obra clássica em verso, mais do que um livro clássico da literatura argentina, pois se tornou um livro clássico da literatura pampiana e da tradição gauchesca.

Podemos destacar, como ponto de aproximação entre os diferentes autores consultados, que há em *Martín Fierro* o tom satírico de seu autor para denunciar atrocidades presentes na Argentina naquele momento.

O gaúcho, retratado como vítima de um sistema que se armou contra ele, é ressignificado por Hernández. *Martín Fierro* deixa de ser uma representação do bárbaro para assumir uma identidade presente da nacionalidade argentina e de todo o pampa.

Assim, a leitura de *El gaucho Martín Fierro* evidencia um protesto social e político, restaurando a imagem do gaúcho na construção de uma nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luís & Margarita Guerrero. **O “Martín Fierro”.** Tradução de Carmem Vera Cirne Lima. Porto Alegre: L&PM, 2005, 98 p.

ESTRADA, Ezequiel Martínez. **Muerte y transfiguración de Martín Fierro:** Ensayo de interpretación de la vida argentina – 4^a ed.- Rosario: Beatriz Viterbo, 2005. 816 p. 22x15 cm.- (Ensayos críticos, 25).

HERNANDEZ, José. **Martín Fierro** s.d.

HERNANDEZ, José. **Martín Fierro**-1967.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina.** Montevideo:

Fundación Ángel Rama, 1989.

RELA, Walter. **El gaucho en el contexto sócio-político rioplatense:** (desde la época colonial hasta fin del siglo XIX)- Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, n.3, p.922, setembro de 1989.

RIZZON, Carlos. **Ficciones de un mundo dislocado.** s.d

ROCCA, Pablo. **Acerca de las representaciones de lo rural:** Revista Tradiciones rurales. Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación, 26-27 de septiembre de 2009.

SACHET, Celestino. **A Sátira em Antônio Chimango e Martín Fierro-** Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, n.3, p.43-53, setembro de 1989.

SCHLEE, Aldir Garcia. **Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos**- Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, n.3, p.77-88, setembro de 1989.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Adaptação, 50
- Análise, 14
- Aparadores, 29
- Argentinidade, 14
- Atrocidades, 56
- Autoritários, 17

B

- Barreira, 50
- Bélicos, 25
- Buscaremos, 15

C

- Cantorias, 23
- Caricaturização, 14

Civilização, 17

Clássico, 9

Colonização, 48

Comandantes, 25

Configurações, 13

Construção, 14

Contestações, 13

Corrupção, 52

Crítica, 14

Crueldade, 23

Cultura, 14

D

- Denúncia, 13
- Desertor, 32

Desmantelada, 24	Expoente, 9
Desprezo, 13	F
Detentores, 41	Família, 23
Detimento, 26	Favorecidos, 23
Dignificação, 9	Ficção, 15
E	Figura, 15
Elemento, 14	Formação, 13
Elementos, 13	Frustações, 23
Embassaremos, 14	G
Encalço, 18	Gauchesca, 9
Enredado, 31	Governantes, 23
Ensaística, 44	Governos, 13
Esclarecer, 33	H
Esperanças, 13	Habitante, 37
Estruturação, 45	Habitantes, 29
Excludentes, 13	Hábitos, 33

Heroica, 54

J

Histórico, 13

Justificados, 52

Homem, 39

L

Humanística, 41

Leituras, 55

Humildes, 23

Limites, 39

I

Linguagem, 28, 46

Imensidões, 47

Lírico, 25

Imigrantes, 44

Literatura, 9

Incerto, 18

M

Indígena, 14

Milícias, 25

Indignações, 13

Militarização, 17

Injusta, 23

Modernização, 42

Injustiças, 28

Moradores, 51

Intermédio, 50

N

Invenção, 37

Nacionalidade, 13

O

Obra, 9

Oposição, 13

Pressupostos, 16

Progresso, 49

Protagonista, 35

P

Pampa, 9

Pátria, 23

Patrimônio, 9

Peculiaridades, 42

Perambular, 18

Período, 13

Perseguição, 23

Perseguidores, 18

Personagem, 14, 39

Política, 13

Popular, 13

Predestinado, 18

R

Recrutamento, 25

Recursos, 25

Regime, 23

Regionalismo, 9

Relevância, 13, 14

Retratava, 14

S

Semelhante, 35

Sofrimentos, 13

Suporte, 16

T

Transculturação, 37

Vivências, 46

V

Verdadeiro, 14

Vocabulário, 13

O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM EL GAÚCHO MARTIN FIERRO

Revista REASE chancelada pela Editora Arché.
São Paulo- SP.
Telefone: +55(11) 5107- 0941
<https://periodicorease.pro.br>
contato@periodicorease.pro.br

**O PAMPA ARGENTINO E A CONSTRUÇÃO DO GAÚCHO EM EL
GAÚCHO MARTIN FIERRO**

BL



9786560542174